

Navigare necesse est... (Navegar é preciso)

Reflexões morais sobre o uso da internet

Pelo R. P. Luigi Moncalero, da Fraternidade São Pio X, Distrito da Itália
Artigo tirado do Courier de Rome, janeiro de 2009

A difusão da Internet é um fato que salta à vista de todos. As famílias tradicionais não estão isentas, nem mesmo os priorados... Estimo que chegou o momento de tratar sobre o uso da Internet.

Deixo expressamente de lado o aspecto ligado às obscenidades de que este instrumento pode ser meio. Somente lembro aos pais que deixar o acesso livre da Internet aos seus filhos é uma imprudência gigantesca: se em casa precisa ter uma conexão, o computador deve estar em uma sala de uso comum e, portanto, nunca nos quartos dos filhos.

Neste artigo desejo considerar o uso da Internet sob outra perspectiva, também moral, mas de outro gênero. Refiro-me aos distintos fóruns e outras listas de correios que envenenam os nossos correios eletrônicos.

Todos somos teólogos

A Internet, além de todas as vantagens que todos conhecem, oferece uma que é digna de atenção: o fato de se encontrar atrás de uma tela, e ainda mais quando a pessoa se esconde atrás de um pseudônimo (ou de um código secreto que oculta a verdadeira identidade), faz que cada um se transforme imediatamente em... teólogo! É uma coisa extraordinária, mas é assim mesmo.

Existem pessoas que passam anos estudando para conseguir um diploma de teologia; outras, no entanto, se cadastram em qualquer fórum ou em alguma lista de correios, e eis que estão preparados para difundir os seus juízos radiantes entre os internautas sedentos da verdade. Dedicam-se a dissertar uns mais do que os outros, apoiando-se em citações de ilustres teólogos, seja sobre a infalibilidade papal, as canonizações, a validade dos sacramentos, a liturgia ou sobre o magistério ordinário universal. E isto, evidentemente, lançando muitos anátemas¹ a aqueles que se atrevam a colocar em dúvida os seus ensinamentos. *Anathema... clic!*

Impressiona ver como se multiplicam estes teólogos, que se aventuram a entrar em regiões onde outros, certamente menos inteligentes do que eles, jamais se arriscaram.

Pois bem, deixando de lado toda a ironia, gostaria de fazer uma reflexão: a teologia é algo sério, tão sério que não pode ser empreendida atrás de uma tela. A teologia é o cume do saber. Se é certo que a metafísica é a mais alta de todas as ciências humanas – ou seja, das ciências que explicam a realidade à luz da razão natural –, a teologia é ainda mais alta porque a luz que a ilumina é a luz mesma de Deus.

Deus Nosso Senhor pode ser conhecido mediante o emprego das forças naturais da razão, através das criaturas, como autor da ordem natural. Mas existe também uma “ciência de Deus” que não pode ser adquirida através da mera razão, posto que pressupõe que Deus mesmo tenha se dado a conhecer aos homens por meio da revelação. Essa é a teologia em sentido estrito.

Entende-se, pois, que o teólogo deve possuir perfeitamente tanto a teologia como os dados da revelação, tal como ambas as coisas são propostas pelo magistério, a fim de realizar esta síntese – convenientemente alimentada pela oração –, que é o que distingue a verdadeira teologia da discussão de café...

Antes de tudo, o teólogo deve ser humilde. Além disso, deve ser dócil às inspirações de Deus,



¹ *Anathema sit* é uma fórmula de condenação usual nos Concílios que significa “seja excomungado”.

posto que estuda o objeto mais elevado e o mais sublime. Da união da humildade e com a docilidade nasce o dom da sabedoria.

Tudo isto está absolutamente ausente dos fóruns e listas de discussão, e lança um desafio a que alguém me prove o contrário.

Guiado pelo dom de sabedoria, uma teologia do calibre de Santo Tomás de Aquino, ao ter que resolver um problema particularmente difícil, não pensava em outra coisa senão em ajoelhar-se diante do Santíssimo Sacramento. Do Santíssimo Sacramento... e não diante de uma tela de computador!

Copiar e colar, ou copiar e encaixar

Outra das grandes vantagens da Internet em comparação com os outros meios de comunicação é o fato de poder difundir a Boa Nova com vertiginosa rapidez, sem esforço e gratuitamente.

No entanto, com a mesma facilidade – e com consequências cem mil vezes mais importantes – também se pode difundir o erro, ou pelo menos a imprecisão, a calúnia, o descrédito sobre uma pessoa, a difamação etc.

Esta simples comprovação teria que fazer o internauta refletir antes de apertar o botão e difundir uma notícia, um juízo etc. E isto vale também para quem não se coloca nenhuma questão moral. Mas o internauta católico sempre deve fazer uma reflexão moral antes de fazer um “*clic*”.

Uma olhada rápida sobre os fóruns católicos que se referem à Tradição nos leva a descobrir com horror que estes últimos fervilham difundindo maldades, difamações e insinuações gratuitas. Perguntamo-nos realmente se aqueles que escrevem ou difundem tais coisas pensam seriamente sobre o que lhes concerne acerca do Oitavo Mandamento: “*Não levantarás falso testemunho*”.



Julgo, logo existo

O que podemos dizer ante a proliferação de comentários? Sorrindo e escrevendo, alguns se convertem em colunistas, cronistas e sábios inspirados, que crêem que o seu pensamento leva à pobre humanidade essa luz que até então lhe faltava.

Então, até mesmo sem que lhes tenhamos pedido, difundem amplamente por correio eletrônico as suas opiniões, sobre todos os temas: atualidade, política, vida da Igreja etc. Não existe coisa nem pessoa nenhuma que escape ao seu juízo, até mesmo quando se trata de um juízo temerário...

Se é verdade que a operação intelectual “juízo” é própria do homem enquanto ser racional, não existe obrigação de julgar sobre tudo e sobre todos, menos ainda se tal coisa não foi solicitada, sobretudo quando não se conhecem os fatos. “*Não julgueis e não sereis julgados (...) porque com a mesma medida com que julgais, sereis julgados*” (São Lucas 6, 37).

Orientações úteis a todos

Todos se lembrarão da penitência especial que São Felipe Néri impôs a uma senhora que veio confessar-se de ter o costume de falar mal do próximo. Para fazê-la compreender os terríveis efeitos deste pecado, o Santo lhe mandou que arrancasse as penas de uma galinha enquanto andava pelas ruas de Roma, e depois voltasse a vê-lo. Assim que a mulher o fez, quando voltou diante do Santo, ela perguntou o que mais teria que fazer.

– *Agora voltará por todas as ruas pelas quais a senhora passou e juntará cada uma das penas da galinha, sem deixar nenhuma sequer.*

– *Mas Padre, o senhor me está pedindo uma coisa impossível!* – exclamou desesperada a pobre penitente. *Ventava tanto que nunca poderei juntar todas as penas!*

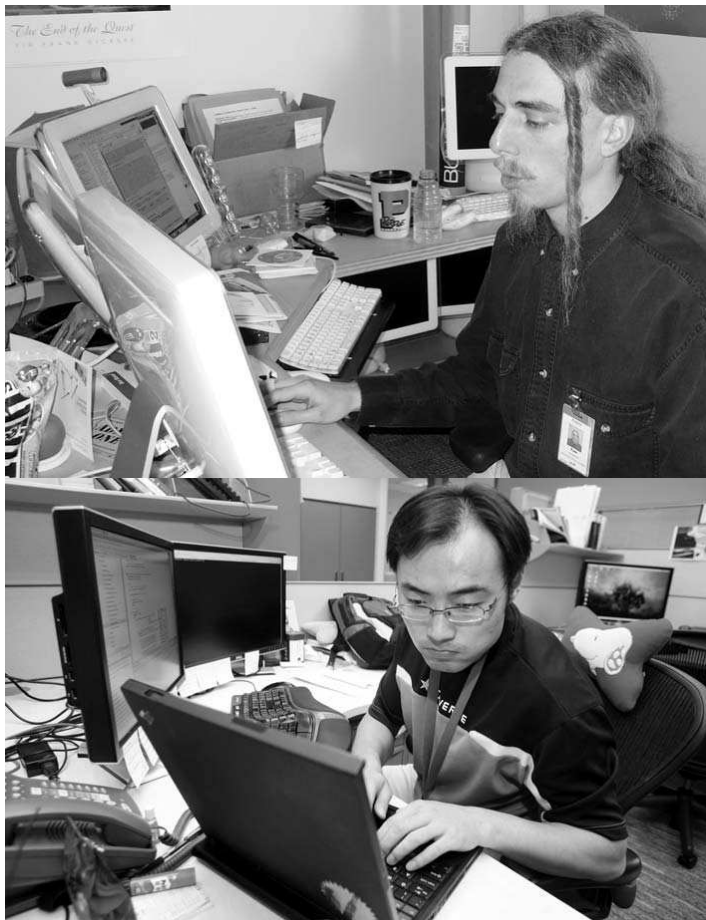
– *Eu sei* – disse o Santo – *mas com isso quero fazê-la entender que a sua maledicência se parece com essas penas.*

Seria preciso que voltasse a aparecer outro São Felipe Néri para inventar uma penitência proporcional, destinada a todos aqueles que difundem toneladas de injúrias e de juízos pérfidos...

Efeito transparência

Por fim, a Internet permite compartilhar com os outros os próprios conhecimentos, as experiências pessoais etc. Não só entre amigos, mas também com desconhecidos. Acabou a época do diário pessoal, longe dos olhares curiosos. Agora existe o **blog** no qual se difundem por todas as partes os próprios vícios e virtudes. Existem sites para tudo... As discussões de caráter público tomam dimensões planetárias: é muito mais saboroso discutir *on-line* na frente de um número de participantes conectados. São como essas lindas disputas entre vizinhos: discutem ardorosamente de uma janela à outra, e a vizinhança aproveita para inteirar-se de um montão de coisas interessantes sobre os dois protagonistas e sobre as suas respectivas mães...

Muito bem! A vantagem da Internet é que a vizinhança que intervém pode estar constituída por várias dezenas de participantes selecionados como “enviar com cópia”, que enviam e reenviam correios eletrônicos de respostas em um *crescendo wagneriano*. Edificante! Muito, muito católico!



Precisamente, porque são maus, devem ser aproveitados para fazer o bem, cumprindo com diligência o dever de estado e sem desperdiçar o tempo inutilmente.

“*Serva tempus*”, isto é, “*Aproveita o tempo*”, costumavam escrever os antigos nos relógios de sol. Uma mensagem que teria de voltar a ser escrita também nas telas (desligadas) dos computadores.

O tempo passa e o homem não se dá conta (Dante, Divina Comédia, Purg. 4, 9)

Para concluir, quisera agora sublinhar outro aspecto. O computador nos acostumou a pensar, a agir, a comunicar-nos etc., com uma rapidez inimaginável. Tudo se mede em nanossegundos, quer dizer, em apenas milionésimos de segundos. De fato, passam alguns milhares sem que tenhamos tido o tempo de terminar uma palavra. O processador do computador, por outro lado, emprega bem o tempo: não perde nem mesmo um nanossegundo.

Quanto tempo (mas não em frações de segundo senão em horas de sessenta minutos) os homens gastam em escrever comentários nos fóruns ou em escrever correios intermináveis? Perguntamo-nos de onde tiram tanto tempo... Repararem, por exemplo, na hora do dia em que se enviam certos correios, ou se registram certos comentários? Meia noite, às duas da madrugada, às quatro e meia da manhã... E ao dia seguinte, o que fazem na escola ou no trabalho?

Isto não me parece que seja uma boa maneira de “*redimir*” o tempo, como diz São Paulo, quem acrescenta que “*os dias são maus*” (Efésios 5, 16).